

BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1350 - 27/06/2016 a 03/07/2016

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

PRODUÇÃO

OS CUSTOS DA AVICULTURA

Panorama

Soja, a favorita do agricultor

Meio Ambiente

Veja em que casos é possível cancelar o CAR

www.sistemafaep.org.br

Em tempos de crise e imprevisibilidade na economia, nada pode ser mais importante que manter um bom controle dos custos. Na verdade, se o produtor não souber muito bem quanto gasta em sua atividade, não tem como saber o quanto está ganhando. Não dá para saber quais são os seus pontos fortes nem o que é preciso fazer para ganhar mais.

Por isso é importante o levantamento dos custos de produção, um serviço que o Sistema FAEP/SENAR-PR tem feito para servir de referência no Estado. Nesta edição do BI o leitor encontra informações sobre os custos da avicultura – um trabalho exaustivo, que será muito útil para todos que se dedicam à produção de frangos de corte.

A crise, como todos sabemos, estende seus efeitos sobre a economia, mas tem raízes políticas que se alimentam fartamente no adubo orgânico da corrupção. Na semana passada, a Polícia Federal e o Ministério Público procederam mais uma etapa do controle de pragas. Logo, logo, o país estará livre para crescer sem amarras.

Boa leitura!

Índice

Canal do Produtor	03
Dia de Campo	04
Feijão	05
Entrevista	06
Panorama da Soja	08
Febre Aftosa	11
Hiatória - O mapa de Cantino	12
SENAR-PR	14
Avicultura - Custos	16
Avicultura - Sanidade	21
Bovinocultura de Corte	22
CAR	24
Tecnologia	26
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradí Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo

Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pedir-se citar a fonte.

Fotos da edição 1350: Fernando Santos, Fábio Alcover, Milton Dória, Shutterstock, Divulgação e Arquivo FAEP

Sistema CNA/SENAR chega à TV

Na programação, informação, análise, participação das federações de agricultura, de produtores, sindicatos e educação a distância



O Sistema CNA/SENAR, (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural), estreou na última quarta-feira (22) um horário fixo na televisão. Na grade, muita informação, análise, participação das federações, sindicatos e produtores rurais. Com seis horas de programação, de segunda a sexta, o Canal do Produtor TV será mais uma ferramenta de educação e inovação a distância do SENAR.

A CNA e o SENAR firmaram parceria com o Canal Rural, em atividade desde 1996. Presente em 43 milhões de domicílios, inicia também agora as transmissões do Canal Rural X, transmitido por satélite, com recepção do sinal por antena parabólica digital. É nesse espaço que o Sistema CNA/SENAR terá sua programação diária, das 6h da manhã ao meio dia. Com isso, a programação pode alcançar as mais remotas regiões do Brasil por meio de antena parabólica.

A comunicação do Sistema CNA/SENAR com o produtor é

permanente e, ao longo dos anos, foi se adaptando para chegar ao campo via internet e redes sociais – portais institucionais e de educação a distância, páginas no Twitter e no Facebook e blogs são instrumentos do sistema. Agora, com a televisão, se aproxima ainda mais de quem produz e mostra para a sociedade a realidade da nossa agropecuária, estratégica para a economia e para toda a população.

Para sintonizar o Canal Rural X e assistir a programação do Canal do Produtor TV, o receptor digital da antena parabólica deve ser apontado para o Satélite C2. A sintonia pode ser feita em busca automática, atualizando o espectro de canais do aparelho de TV para incluir e gravar na lista o Canal Rural X. Na opção de sintonização manual, o aparelho deve ser colocado na polarização vertical, utilizando a frequência 03652 e Symbol Rate 03000. O Canal do Produtor TV também poderá ser acessado na internet em www.canaldoprodutor.tv.br.

Pecuária em ação

Evento em Guarapuava reuniu produtores para atividades práticas e palestras



O Dia de Campo da Bovinocultura de Corte do Programa Pecuária Moderna que aconteceu nos dias 16 e 17 de junho foi considerado um sucesso. O evento foi promovido pelo Sindicato Rural de Guarapuava, Comitê Regional do Programa Pecuária Moderna, o Sistema FAEP/ SENAR-PR, para todos os bovinocultores interessados em melhorar seus sistemas produtivos.

Presente a todas as fases do evento, o presidente do Sindicato Rural de Guarapuava, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, estimulou os pecuaristas a pensar sobre as novas ideias apresentadas nas diversas palestras, visando tornar a pecuária mais eficiente.

Durante a tarde do dia 16, a programação aconteceu no campus Cedeteg da Unicentro, com as palestras: “Dez anos de pastagem de inverno e nitrogênio: contribuição da Unicentro para o sucesso do produtor rural”, com o professor Itacir Sandini, da Unicentro; e “Sistemas de produção agropecuária”, com o também professor Sebastião Brasil, da Unicentro. Depois os participantes puderam visualizar os campos experimentais de pastagens no mesmo campus. Nessa tarde, mais de 160 pessoas

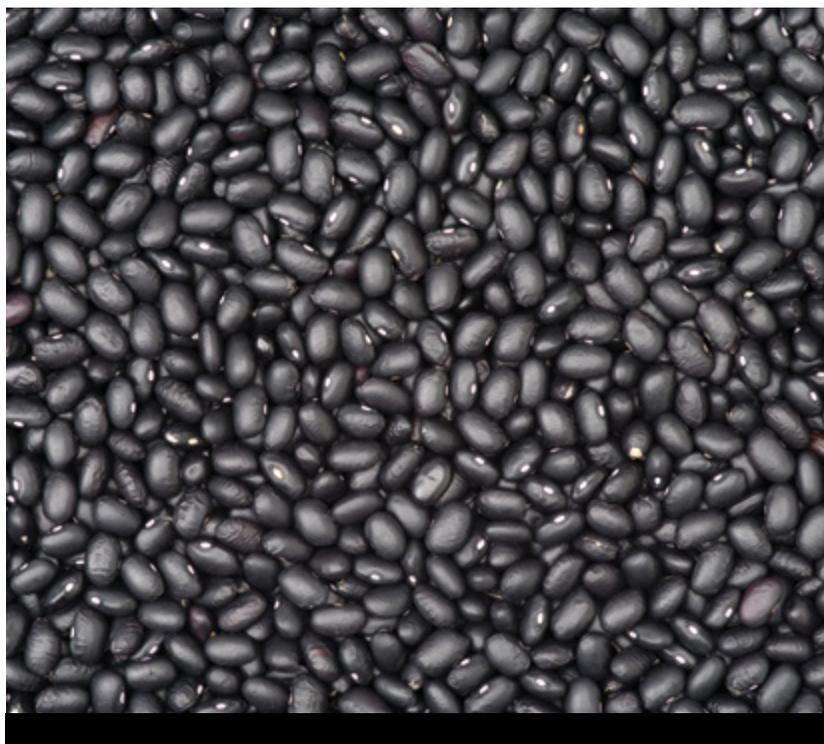
estavam presentes.

O sucesso do evento se repetiu em mais uma etapa do evento, quando mais de 500 pessoas estiveram presentes no CTG Fogo de Chão para assistir a palestra “Suplementação Estratégica na Pecuária de Precisão”, com o veterinário Luiz Francisco Biacchi Filho (Santa Maria – RS), que foi promovida pela empresa DSM Tortuga e Sindicato Rural de Guarapuava e com diversos apoiadores.

A programação se encerrou na Fazenda Rio Quadrado (pecuária de corte), propriedade de Ciro Davi Brolini Dellé em Pinhão, com palestra do professor André Brugnara Soares (Departamento de Ciências Agrárias da UTFPR - Pato Branco), com o tema “Manejo de pastagens e integração Lavoura-Pecuária”. Os produtores, profissionais e estudantes da área também puderam observar o sistema de produção de pecuária na propriedade, já que a fazenda é uma das propriedades modelos do Programa Pecuária Moderna. Mais de 80 pessoas estiveram presentes também nesta etapa.

Não resolve

Isentar o feijão do imposto de importação é medida tardia e não vai segurar disparada dos preços



Frente a um quadro de desabastecimento de um produto considerado de primeira necessidade, o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) propôs à Câmara de Comércio Exterior (Cames) a redução a zero da alíquota para importação de feijão de países de fora do Mercosul. Hoje a Tarifa Externa Comum (TEC) para importação é de 10%, sua retirada poderia favorecer a entrada no Brasil de feijão de países produtores como México e China, por exemplo.

A medida é uma tentativa de minimizar a falta do produto, que fez o preço da saca do feijão carioca saltar de R\$ 106,82, em maio de 2015, para R\$ 225,89 em maio de 2016, fruto de problemas climáticos e da redução da área plantada nas últimas safras.

Na opinião do produtor de feijão e presidente do Sindicato Rural de Castro, Eduardo Medeiros, a decisão do governo tem caráter midiático e dificilmente irá resolver o problema. “Acho inócuo. Quando esse feijão chegar, já teremos algum produto por aqui. Além disso, temos que ver a que preço ele vai chegar. O governo está tentando dar uma satisfação à população”, avalia.

Outro ponto que deve ser observado, segundo o dirigente, é o tipo de subsídio de que gozam esses outros países exportadores.

“Aqui nós temos uma questão sanitária que não permite que utilizemos uma série de produtos no feijão. Será que a China obedece às mesmas regras?”, questiona.

Segundo o presidente do Instituto Brasileiro do Feijão e Pulses (Ibrafe), Marcelo Lüders, a redução da tarifa de importação não deve prejudicar os produtores brasileiros, uma vez que o produto importado é o feijão preto, e não existe terceira safra desta variedade no Brasil. “Para o produtor do Paraná o impacto é zero, pois essa medida tem caráter de exceção de três meses, então não compete com a produção do Estado”, avalia.

Na opinião do especialista, o desabastecimento deve continuar até o início do ano que vem, quando entrará no mercado a primeira safra paranaense do grão. No momento atual, outros Estados começam a vender a produção da terceira safra de feijão carioca, porém isso não deverá fazer o preço do produto baixar, uma vez que o

volume produzido é muito pequeno. “Trata-se de uma área muito pequena, e que foi reduzida ainda mais”, observa.

Segundo Lüders, o cenário atual traz uma rara oportunidade para que os produtores diversifiquem as variedades. Hoje a grande maioria das lavouras do Sul, Sudeste e Centro-Oeste dedicam-se à produção do feijão carioca e do feijão preto. “Pela primeira vez na história estamos vendo que o consumidor gosta de feijão e está experimentando outras variedades, como o feijão vermelho e feijão rajado, entre outras”, observa.

Essa é a mesma opinião de Medeiros, “A crise gera oportunidades, essas outras variedades podem ser uma opção”.

Fórum

Um espaço para discutir o futuro da cadeia produtiva do feijão e alinhar as reivindicações do setor será o Fórum Brasileiro de Feijão 2016. O evento, promovido pelo Ibrafe, acontece de 13 a 15 de julho, em Foz do Iguaçu. Mais informações no site: <http://www.forumfeijao.com.br/>

Cenário instável

Para o consultor Flávio França Júnior, é essencial que o produtor se mantenha atento ao preço internacional e ao câmbio



No período de 20 a 28 de julho, a FAEP, em parceria com os sindicatos rurais, promove os seminários "Tendências de Mercado de Grãos" nos municípios de Cornélio Procópio, Maringá, Campo Mourão, Cascavel, Pato Branco, Ponta Grossa e Guarapuava.

Assim como ocorreu no ano passado, o circuito de palestras traz o analista e economista Flávio França Junior. A mudança climática nos Estados Unidos, a volatilidade de preços das commodities agrícolas no mercado internacional, a taxa de câmbio, entre outros assuntos, serão abordados durante os seminários.

França Junior trabalha há 30 anos no mercado de commodities agrícolas e durante 24 anos foi analista sênior do Grupo Safras&Mercado. Também atuou como diretor de conteúdo do Grupo Safras e hoje é o presidente da França Junior Consultoria. Nesta edição, acompanhe a entrevista com o analista sobre o mercado de soja, milho e o que produtor pode fazer diante do atual cenário econômico.

Boletim Informativo - Diante desse cenário político e econômico no nosso país quais são as perspectivas no mercado de soja e milho?

Flávio França Junior – No caso da primeira cultura, a expectativa em relação aos preços é positiva para os produtores rurais brasileiros, uma vez que se colheu uma boa safra, com alguns problemas de clima e irregularidades, mas com preços médios remuneradores novamente. Essa situação combina com os preços na Bolsa de Chicago, que subiram nas últimas semanas e estão mais interessantes na comparação há dois anos. E também combinando a uma taxa de câmbio, que apesar de estar abaixo dos picos observados durante o final do ano passado e no início deste ano, ainda assim é uma taxa média que observamos no ano passado. Dessa forma, nessa combinação entre câmbio e mercado internacional, o reflexo no nosso mercado interno está totalmente favorável ao produtor rural.

BI – E no caso do milho?

FFJ – No caso do milho o cenário também é favorável, com preços recordes. Nas duas culturas nós estamos observando recordes históricos e nominais. Em relação ao milho, o aproveitamento desses preços altos não é tão eficaz como na soja porque nós tivemos perda no Estado, um pouco na safra de verão, mas principalmente durante a safra de inverno devido às questões climáticas, a falta de chuvas e geadas. Isso vai diminuir a oferta do produto da safra de inverno e atrapalha um pouco na renda do produtor. Entretanto, quem conseguir colher ou já está fazendo isso, está sendo muito bem remunerado. Portanto, nesse caso, o cenário também está amplamente favorável ao produtor rural.

BI – Nas últimas semanas, o abastecimento de milho se complicou e prejudicou produtores de aves e suínos no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Diante dessa crise, como o mercado vai reagir?

FFJ – Para o produtor de carne, como os avicultores e suinocultores, a situação é bastante complicada, porque eles estão

pagando preços estratosféricos para o milho, assim como para o farelo de soja, das matérias-primas básicas da alimentação desses animais. No segmento de carnes de forma geral nós temos uma situação bem diferente para quem é produtor de grãos. Porque há pouco produto no mercado e os preços estão extremamente aviltados e o que está gerando uma crise. Há uma tentativa de buscar o produto lá fora, sendo importado do Paraguai e, principalmente da Argentina, com mais de 1 milhão de toneladas. Tudo isso para tentar amenizar essa crise de oferta e inflação de preço do milho. Esse, talvez, seja o cenário mais preocupante do nosso agronegócio para a temporada e não há muitas alternativas e soluções de curto prazo. A safra de inverno que está entrando agora está tendo problemas e será bem inferior ao que se projetava inicialmente. A temporada toda terá preço de milho muito alto, assim como do grão e farelo de soja.

No caso do milho, nesse momento, com a entrada da colheita de safra de inverno os preços se acalmaram um pouco. Mas, mesmo assim, nesse curto prazo ainda estão extremamente elevados e são

o grande complicador para o agronegócio nessa temporada. Nós ainda iremos ter um nível escasso do produto pelo menos até o final do ano e começo de 2017.

BI – Qual estratégia o produtor rural pode usar nesse cenário instável?

FFJ – Essa é uma questão válida para todos os anos. Na verdade, um ano é diferente do outro, o produtor não consegue escapar da volatilidade dos preços, da flutuação do câmbio, do mercado internacional, entre outros fatores. Por isso sempre recomendando que ele acompanhe atentamente o mercado, fique de olho em três variáveis: a evolução do mercado internacional na Bolsa de Chicago, o câmbio e o prêmio, que é o valor cobrado, somado à cotação dessa Bolsa para fechar o preço de exportação (o preço no porto). Todos esses fatores são fundamentais para que o produtor tome uma decisão de planejamento.

Além disso, o produtor rural deve adotar políticas de proteção de preço, seja no mercado a termo, futuro ou no mercado de opções. Também se recomenda que ele faça esse tipo de proteção para evitar ter surpresas, a fim de garantir a sua renda em toda a temporada.

Saiba mais sobre o evento

O evento é destinado a produtores rurais, técnicos, engenheiros-agrônomo, jornalistas e interessados em agronegócio. A entrada é gratuita e não há necessidade de inscrições antecipadas

DATAS, LOCAIS E HORÁRIOS

Cornélio Procópio

20 de julho | 09h00 às 11h30

Auditório Sindicato Rural de Cornélio Procópio
Av. Alberto Carazzai, nº 1630 - Centro

Londrina

20 de julho | 19h00 às 21h30

Auditório Milton Alcover
Parque de Exposições Ney Braga
Av. Tiradentes, nº 6275 - Jd. Rosicler

Maringá

21 de julho | 09h00 às 11h30

Salão Central - Parque Internacional de Exposições Francisco Feio Ribeiro
Av. Colombo, nº 2186 - Vila Morangueira

Campo Mourão

21 de julho | 19h00 às 21h30

Associação dos Engenheiros Agrônomos de Campo Mourão
Av. Irmãos Pereira, nº 2900 - Centro

Cascavel

26 de julho | 14h00 às 16h30

Auditório Principal Show Pecuário
Parque de Exposições Celso Garcia Cid
BR 277, Km 600 - Santos Dumont

Pato Branco

27 de julho | 09h00 às 11h30

Auditório do Centro Regional de Evento
Rua Benjamin Borges dos Santos,
nº 611 - Fraron

Ponta Grossa

28 de julho | 09h00 às 11h30

Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Ponta Grossa
Rua Comendador Miró, nº 860 - Centro

Guarapuava

28 de julho | 19h00 às 21h30

Anfiteatro do Sindicato Rural de Guarapuava
Rua Afonso Botelho, nº 58 - Trianon

Preferência estadual

Com liquidez e bons preços pagos aos produtores brasileiros, soja ganha ainda mais espaço nos campos do Paraná



Nos municípios de vocação agrícola (e no Paraná eles são a maioria) é comum que a atividade rural acabe se tornando o termômetro da atividade econômica. Quanto mais representativa a cultura, maior o impacto que suas oscilações causam no comércio, na indústria, na geração de empregos e na arrecadação. No caso do Paraná, é impossível dissociar a ideia da agricultura com a figura dos grãos dourados da soja. “Quando a soja vai mal, toda cidade vai mal”, sentencia o produtor Alcides Maximiano Carneiro, de Castro, com a autoridade de quem assistiu de perto a ascensão da cultura.

Sua observação vale para a grande maioria dos municípios do Paraná que tem na soja uma importante atividade econômica, que lhe garante o posto de segundo maior produtor nacional da oleaginosa. De acordo com o trabalho: “Panorama de mercado das principais atividades da agropecuária paranaense”, desenvolvido por técnicos do Sistema FAEP/SENAR-PR, a soja responde

por 21% do Valor Bruto de Produção (VBP) do Estado, somando em 2015 mais de R\$ 14,8 bilhões.

Naquele ano, o valor exportado de produtos do agronegócio correspondeu a 78% do valor total exportado pelo Estado. Apenas o complexo soja respondeu por 41% do total exportado, seguido por carnes, com 23%, e produtos florestais com 13%.

Na atividade rural há mais de 30 anos, Maximiano lembra quando a soja começou a se popularizar nas lavouras do Estado, no início da década de 70. Hoje, ele conta com a ajuda do filho, formado em agronomia, para tocar a propriedade. Questionado sobre o futuro da cultura, ele conta que tem dificuldade em imaginar o município sem a produção da oleaginosa. Outras culturas como o feijão e o milho são bastante significativas na região, mas nenhuma está tão difundida como a soja. “Quase todo mundo aqui planta soja. Hoje eu não plantaria outra coisa, se tivesse que mudar, podia mudar para o feijão, mas o risco é muito maior”, pondera.

Há quatro anos Maximiano deixou de plantar milho no verão por conta do baixo preço e do alto custo do frete e da secagem dos grãos. “Não compensa”, avalia. Na última safra ele destinou 400 hectares para a soja e 50 para o feijão. A escolha baseou-se na liquidez e nos bons preços obtidos pela oleaginosa no mercado. Apesar de recentemente os preços do milho e do feijão terem subido, frente à escassez desses produtos, nesta temporada ele conseguiu vender a saca de soja por um preço que variou entre R\$ 80 e R\$ 100, considerado um dos maiores patamares dos últimos tempos.

A chave da lucratividade está no câmbio. De acordo com o Panorama da FAEP, a desvalorização do real frente ao dólar tornou a soja brasileira mais competitiva no mercado internacional. Isso já ocorria no ano passado, quando as exportações da mercadoria cresceram 18,9% em relação ao ano anterior, garantindo ao Brasil o título de principal exportador mundial, que até então era ocupado pelos EUA. Nos primeiros meses de 2016 essa tendência se manteve. De janeiro a maio foram exportadas 30,8 milhões de toneladas, 37,3% a mais que no mesmo período de 2015.

Com isso, o preço médio nominal recebido pelo produtor paranaense saiu de R\$ 56,80 por saca em maio de 2015, para cotações próximas de R\$ 80 no primeiro semestre de 2016. De acordo com o Boletim Focus, do Banco Central, essa relação está longe de acabar. A projeção média de câmbio para este ano é de um dólar a R\$ 3,72, e para 2017 a taxa média de câmbio é

estimada em R\$ 4,02.

Trata-se, porém, de uma faca de dois gumes. Da mesma forma que a soja cotada em dólar remunera bem em real, o câmbio também encarece os insumos importados, como fertilizantes e agroquímicos. Nesse ponto, Maximiano conta que não usa nenhuma estratégia para poupar dinheiro. “Você nunca sabe se vai acertar, se o preço vai estar mais baixo na próxima semana. Teria que ter uma bola de cristal”, brinca.

Ocupando o quarto lugar no ranking estadual, o VBP da soja de Castro representou mais de R\$ 240 milhões em 2014. “Esse sempre foi um dos carros-chefes do município”, aponta o secretário de Agricultura Abastecimento e Agronegócio do município, Maurício Copacheski. Segundo ele, nas últimas duas safras o milho e o feijão perderam espaço para a soja nas lavouras. Assim, o grão reina quase solitário nas lavouras de Castro – uma situação incomum. “É algo que nós sabemos que é pontual e que assim que as coisas melhorarem no país, voltam a se equilibrar”, avalia, referindo-se ao cenário de incerteza política e econômica que paira sobre o Brasil.

Segundo o secretário, no passado a região possuía um perfil econômico voltado à produção animal, com foco na produção do milho que alimentava os criadouros. Hoje, a cultura da soja está totalmente incorporada na região, que conta com produtores tecnificados e altamente competitivos. Dessa forma, o cultivo foi essencial para mudar a cara da região, contribuindo de forma decisiva para modernizar a agropecuária local. Não é à toa que



em 2013, o campeão nacional de produtividade em soja foi o produtor Hans Jan Groenwold, de Castro.

Outro município que se destaca na produção da oleaginosa é Toledo. Com um VBP de mais de R\$ 240,1 milhões com o grão em 2014, ele ocupa o terceiro lugar no ranking estadual da soja, atrás somente de Cascavel e Tibagi. Lá a área destinada a essa cultura também vem crescendo acompanhando os bons preços pagos em real. O produtor Arno Dresch, por exemplo, deixou de plantar milho na última safra de verão para destinar toda sua área, de 250 hectares, à soja. “Na próxima, independente do preço, vou plantar só soja”, garante. O município lidera o VBP do agronegócio no Estado com R\$ 1,745 bilhão, fruto também da produção de aves e suínos. Nesse contexto, era de se esperar que o milho fosse a grande opção, uma vez que é a principal matéria-prima utilizada na ração dos animais. Mas, como no restante do Estado, a oleaginosa é a preferência. “Aqui tem porco, frango, leite, mas a espinha dorsal é a soja”, analisa Dresch.

Há três décadas plantando soja, ele vê com receio alguma tentativa de migração maciça para o milho. “O dia em que o Brasil entrar no milho verão, não vai ter nem onde guardar e o preço vai cair abaixo de R\$ 18, pode acreditar”, afirma.

Na sua opinião, um dos fatores que pesam na escolha da cultura é o preço recebido pelo produtor. “A liquidez da soja é muito rápida”, diz. Um dos pontos que favoreceu a valorização da soja no mercado internacional foi a baixa oferta do produto. De acordo

com o Panorama elaborado pela FAEP, a produção brasileira da safra 2015/16, que era estimada em 101,9 milhões de toneladas, foi reduzida para 95,6 milhões de toneladas.

O potencial de produção de soja no Paraná também ficou abaixo da expectativa. No início da safra, a produção estimada era de 18,4 milhões de toneladas. Atualmente a safra está estimada em 17,1 milhões de toneladas. Em relação à safra 2014/15 a redução foi de 4,6% na produtividade, segundo a Conab.

Clima

As perdas de safra foram acentuadas pela influência do El Niño. O fenômeno climático foi um dos mais severos dos últimos anos e seus efeitos também foram notados na Argentina, que teve sua produção reduzida em torno de 5 milhões de toneladas, com forte atraso na colheita e perda de qualidade dos grãos.

No Paraná, as chuvas também trazem algumas complicações para as lavouras. Segundo Maximiano, de Castro, a umidade excessiva está favorecendo a ocorrência de ferrugem asiática. “Geralmente a gente fazia até três aplicações de fungicida, hoje estamos fazendo seis”, observa.

Quando não encarece o manejo a chuva prolongada dificulta a colheita. “A nossa região é mais seca, mas a chuva atrapalhou bastante na colheita”, conta Gresch, de Toledo.



FAEP participa de debate sobre aftosa

Evento promovido pelo Grupo Folha, em Londrina, na semana passada, reuniu representantes do agronegócio que defenderam a participação da indústria de carnes no processo



Troca de ideias

Independente do fim ou não da vacinação, o debate em Londrina permitiu chegar a algumas conclusões defendidas por todas as partes envolvidas pelo processo. O Paraná precisa fortalecer suas políticas públicas, principalmente no quesito da sanidade. O sistema de vigilância sanitária precisa ser reforçado, inclusive com a construção de novas barreiras físicas nos limites do Paraná com outros estados ou países.

“Qualquer mudança de status só é possível quando houver uma defesa forte. O Paraná precisa unir forças, inclusive na área política, para viabilizar um orçamento para sanidades estadual e nacional”, destaca Poloni.

A principal questão envolvendo o fim da vacinação contra a aftosa envolve a abertura de novos mercados para a carne paranaense. Países como China, Japão e Estados Unidos, que pagam mais pelo produto, poderiam passar a comprar do Paraná.

Representantes de entidades ligadas ao agronegócio estadual participaram do debate “Paraná livre de aftosa sem vacinação”, promovido pelo Grupo Folha, no Auditório Frezarin, em Londrina, na semana passada. O evento reuniu Antônio Poloni, assessor técnico da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP), Inácio Afonso Kroetz, diretor presidente da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Moacir Sgarioni, presidente da Sociedade Rural do Paraná (SRP), e Amauri Alfieri, pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Apesar de posições contrárias, a FAEP e a Adapar são a favor do fim da vacinação, enquanto a SRP quer a manutenção, as entidades são unânimes ao defenderem a participação de integrantes da indústria da carne na discussão. De acordo com o Grupo Folha, a organização do evento convidou a indústria para compor o painel, mas esta não enviou representantes.

Sociedade

O debate promovido pelo Grupo Folha também serviu de “ponte” para que a sociedade saiba o que está sendo discutido e possíveis desdobramentos em relação a aftosa no Paraná. Na opinião do superintendente do Grupo Folha, José Nicolás Mejía, é “importante divulgar essas informações ao público em geral e aos pequenos produtores, que possivelmente não conseguem participar ativamente desta discussão e que têm o direito de conhecer os argumentos a favor e contrários a essa iniciativa”.

Para Antônio Poloni, o debate é uma forma interessante de a mídia participar ativamente do processo. “O encontro foi válido também porque o jornal recebeu muitas informações e, conseqüentemente, poderá informar o público sobre o fato.”

O mapa perdido do Brasil



Os d'Este eram uma das mais poderosas famílias da Itália nos séculos XV e XVI. Da mesma forma que outros clãs dominantes, como os Gonzaga e os Medici, eles recolhiam artefatos notáveis e relíquias e as exibiam com destaque em suas casas. Com isso, não apenas mostravam sua riqueza, mas também demonstravam paixão pelo conhecimento e pela cultura.

O duque de Ferrara, Ercole I d'Este, se devotava às atividades intelectuais e tinha acesso direto às emocionantes viagens que os portugueses faziam à época. Esse canal era Alberto Cantino, uma mistura de emissário oficial com agente secreto. Estacionado em Lisboa, Cantino era orientado pelo duque a relatar descobertas no Novo Mundo e a fornecer a ele qualquer mapa que pudesse conseguir de novas terras e rotas. O mundo estava se expandindo, à medida que exploradores europeus faziam

suas primeiras incursões a lugares exóticos, que se imaginava cheio de riquezas e de pessoas estranhas.

Cantino encontrou exatamente o que seu patrão queria: um elaborado mapa do Velho e do Novo Mundo. Chamado de "la charta per navigare" ("carta de navegação" em italiano antigo), era provavelmente a mais atualizada carta geográfica do mundo de então. Ela mostrava o mundo como se conhecia em 1502, com os territórios descobertos por Cristóvão Colombo em sua recente viagem. Também indicava a posse de várias áreas, principalmente portuguesas e espanholas, com legendas e bandeiras colocadas sobre o mapa. Era especialmente importante a inclusão dos limites definidos pelo papa Alexandre VI no tratado de Tordesilhas, que encerrou a disputa entre Fernando V da Espanha e Dom João II de Portugal. Ademais, é o primeiro mapa



Ercole I: aficionado por mapas

que apresenta o território do Brasil, com destaque para as costas do Norte e do Nordeste.

A confecção de mapas era uma profissão altamente especializada e estimada na época. Não se sabe quem em Lisboa produziu o mapa, e as condições sob as quais Cantino o obteve são desconhecidas e vagamente suspeitas. Em uma carta escrita em novembro de 1502, em Roma, Cantino deleitou-se em comunicar Ercole d'Este que, por 12 ducados (uma das moedas da época), ele havia comprado um mapa que deveria ser de seu interesse.

O duque recebeu o mapa, que permaneceu sob posse de sua família até 1598, quando o papa Clemente VIII tirou de Cesare d'Este sua autoridade real. O duque deposto – bisneto de Ercole I – mudou-se para Modena, cidade própria a Ferrara, no Norte da Itália, e levou consigo a coleção de tesouros que a família acumulou ao longo dos anos. O mapa que Alberto Cantino havia angariado quase um século antes encontrou sua nova casa em um estojo de couro vermelho com os selos de ouro do

duque, e nela permaneceu por mais de dois séculos e meio. Em 1859 o povo de Modena rebelou-se contra a nobreza local. O mapa de Cantino foi roubado e dado como desaparecido. Tudo levava a crer que o primeiro mapa do Brasil havia sido destruído.

Depois dos levantes de 1859, em que os rebeldes reivindicavam que Modena se unisse ao reino de Vittorio Emanuele de Savoia (o futuro Reino da Itália unificada, que estava apenas engatinhando), o duque Francesco V d'Austria d'Este buscou refúgio em Viena, levando consigo alguns dos manuscritos mais importantes de sua biblioteca. Nove anos depois, em 1868, o Tratado de Florença ordenava que o duque, que ainda vivia em Viena, devolvesse ao Reino da Itália e à Real Biblioteca Estense todos os manuscritos que havia levado consigo, com exceção de alguns, que as autoridades italianas reconheceram como propriedade da família.

Corria o ano de 1870 quando Giuseppe Boni, um colecionador que vivia em Modena, caminhava pela Via Farini, no centro da cidade, e parou em um comércio que vendia linguiças e outros embutidos. Ele não podia crer no que via. O Planisfério de Cantino, o velho mapa que havia estado no palácio dos Este, estava na loja, servindo como cortina entre dois ambientes.

Boni convenceu o comerciante a vender-lhe o mapa em 25 de abril de 1870, Boni doou o mapa, junto com diversos outros, à Real Biblioteca Estense. O documento de doação dizia o seguinte: “estes mapas eu doo à Real Biblioteca Estense, porque nela serão cuidados e preservados”.

Os mapas de Cantino descansam na biblioteca desde então. Afinal.

(Traduzido e adaptado de “Lucy's bones, sacred stones, & Einstein's brain: The remarkable stories behind the great objects and artifacts of history, from antiquity to the modern era”, de Harvey Rachlin.)



Castelo da família d'Este, em Ferrara

De olho nas mudanças do campo

Projeto Pedagógico Institucional do SENAR-PR segue em construção para que os cursos ofertados estejam de acordo com as novas demandas do produtor rural



Na última semana, o SENAR-PR deu continuidade ao processo de formatação do seu Projeto Pedagógico Institucional (PPI), que começou em 2015. Ao longo de três dias de encontros, na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, em Curitiba, técnicos e supervisores da entidade debateram aspectos da construção das ofertas dos cursos profissionalizantes, que atendam as novas demandas do agronegócio e do mercado consumidor.

“Hoje oferecemos cursos de aperfeiçoamento, onde o produtor adquire uma habilidade para fazer. A partir da conclusão do PPI, a oferta será de curso profissionalizante, onde o participante terá um certificado por competência”, destaca Eduardo Gomes de Oliveira, gerente técnico do SENAR-PR.

A necessidade de mudança surgiu a partir de uma pesquisa do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), que apontou as necessidades, tendências e anseios do trabalho no meio rural até o ano de 2050. Os dados

levantaram a necessidade de reflexão, para saber se os cursos ofertados atendiam as demandas. Um dos pontos que mais chamou atenção, por exemplo, é a redução drástica de mão de obra, fato que já ocorre em muitos municípios agrícolas do Paraná e até mesmo do Brasil.

Essa transformação exigirá uma maior competência de quem ficar no campo. Esse produtor rural precisa estar mais preparado. E, parte significativa deste universo de trabalhadores será formado e moldado pelas dezenas de curso do SENAR-PR, já no novo escopo de trabalho.

“Hoje, onde tem cinco pessoas trabalhando, no futuro, um gestor terá que fazer o serviço deste grupo. Com o novo Projeto Pedagógico, a capacidade de resposta do homem do campo será melhor”, ressalta Oliveira. “Não podemos esperar mais para fazer essas adaptações”, complementa.

Para a consultora Loiva Trombini, que participa ativamente



do processo, o mercado de trabalho se transforma e, junto, as exigências vão mudando, obrigando com que os produtos ofertados pela entidade sejam aperfeiçoados. “O SENAR-PR está reconstruindo seus cursos para acompanhar as transformações do mercado e as mudanças no perfil do trabalhador, desde a falta de mão de obra até as inclusões tecnológicas”, diz.

Os encontros da semana passada serviram para formar a nova equipe de técnicos e supervisores, que serão os dissemina-

dores nas novas formações. Nesta semana, um novo encontro, nos dias 29 e 30 de junho e 1º de julho, será realizado para validação dos itinerários formativos. Neste momento, outros técnicos, instrutores e profissionais de empresas convidadas participarão, além de consultoras independentes.

“Quanto mais gente envolvida, mais valor agrega ao processo, e reduz a chance de erro. É fundamental saber o que as cadeias precisam”, define o gerente técnico do SENAR-PR.

Novos itinerários

Os novos itinerários formativos estão sendo construídos levando em consideração sete grandes grupos: suinocultura, avicultura, bovinocultura de leite, bovinocultura de corte, cultura de cana de açúcar, mecanização agrícola, gestor rural e olericultura.

A padronização dos cursos seguirá alguns preceitos como os sistemas de avaliação e feedback dos participantes, melhorias na qualidade dos cursos e dos instrutores, organização das ofertas de cursos por ocupação profissional dentro das cadeias produtivas, maior interação do participante, mobilização dos trabalhadores e alinhamento da oferta de cursos com as necessidades do setor.

NOTAS



Semente salva

No último dia 6 de junho, o Diário Oficial da União publicou a Instrução Normativa nº 21 que alterou o formulário contido no anexo XXXIII utilizado pelos agricultores que reservam parte dos grãos colhidos na safra para usar como sementes na safra seguinte. Com a legislação, passaram a ser exigidas informações das Coordenadas Geodésicas da Sede e da Inscrição Estadual. Para conferir o formulário basta acessar o nosso site: bit.ly/sementesalva

Apresentando propostas

Em audiência com o ministro da Agricultura, Blairo Maggi, as entidades representativas dos produtores de trigo, maçã, fumo e arroz da região Sul apresentaram propostas de políticas agrícolas. A audiência foi solicitada pela senadora Ana Amélia

e pelo deputado Luiz Carlões Heinze. Participaram da reunião os secretários do Ministério, Neri Geller, Eumar Novack e Luís Rangel. Da Ocepar e da Faep, o ministro ouviu as propostas e prometeu buscar recursos para recompor o orçamento de seguro rural. Em relação ao trigo não há expectativas de políticas que dependam de subvenções, devido aos recursos escassos do governo federal.



Quem não sabe quanto gasta...

... não sabe quanto ganha. Levantamento de custos ajuda o produtor a tomar decisões



Ariana Weiss Sera

Médica-veterinária
da FAEP

Os avicultores paranaenses necessitam de ferramentas que vão além do manejo tradicional nos aviários. O gerenciamento dos custos da atividade tornou-se indispensável e já faz parte do dia a dia na propriedade do avicultor empresário. As anotações dos gastos são fundamentais para subsidiar análises de viabilidade e identificação dos maiores custos que impactam diretamente na rentabilidade. Quem não sabe quanto gasta, não sabe quanto ganha.

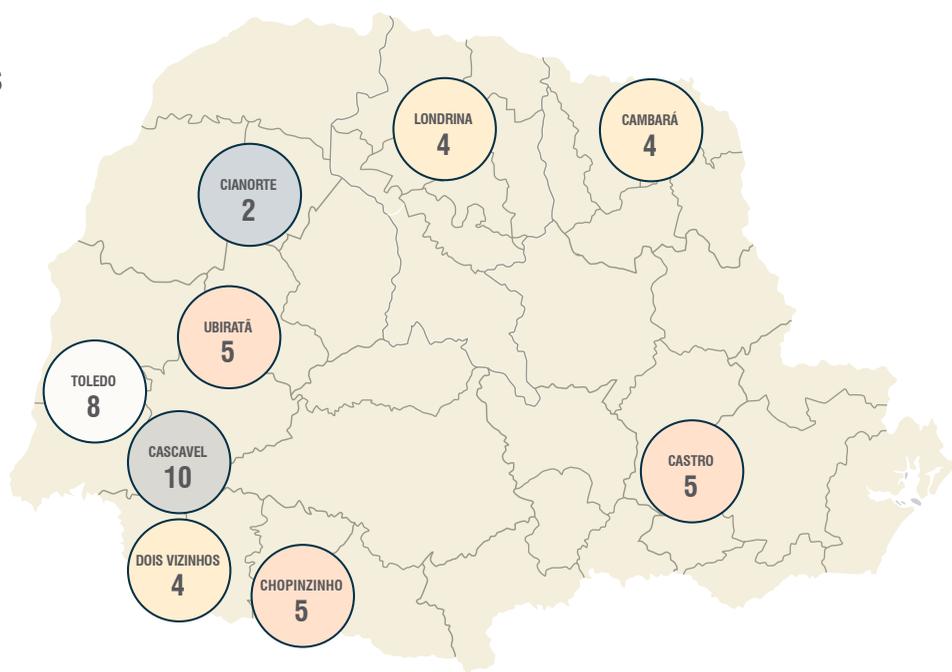
Em abril, a FAEP realizou o levantamento dos custos de produção dos avicultores no Paraná. Com o apoio de consultor especializado, técnicos da FAEP visitaram nove municípios que representam as principais regiões produtoras de frango no Estado. Há

oito anos a Federação realiza os levantamentos de custos, com metodologia consagrada e credibilidade nos resultados obtidos.

O estudo contou com a participação de avicultores, representantes de agroindústrias, fornecedores de equipamentos e instituições financeiras, que contribuíram com informações relevantes sobre a realidade da produção de frangos nas regiões. Foram informados dados referentes a indicadores zootécnicos, preços de instalações e equipamentos que compõem a planilha para cálculo dos custos.

O trabalho contemplou 47 diferentes tipos de aviários que representam a moda, ou seja, o padrão mais utilizado de galpão nas regiões pesquisadas. A distribuição dos tipos de aviários está detalhada no mapa 1. Foram avaliados galpões de diferentes dimensões, desde 100x12m até 150x16m, com diferentes níveis tecnológicos aplicados.

MAPA 1: Distribuição geográfica dos diferentes tipos de aviários analisados e suas respectivas regiões.



GLOSSÁRIO

CUSTOS VARIÁVEIS ●

São os desembolsos realizados pelo avicultor durante os lotes produzidos. É a categoria que traz impacto direto no bolso do produtor. Estão incluídas as despesas com a mão de obra, energia elétrica, lenha, cama do aviário, manutenção, carregamento dos frangos, limpeza do aviário, seguro das instalações, entre outros.

CUSTO OPERACIONAL ●+●

É a soma dos custos variáveis com a depreciação dos equipamentos e instalações. A depreciação consiste nos valores que serão necessários para a reposição desses itens ao final da vida útil, quando se tornam sucatas.

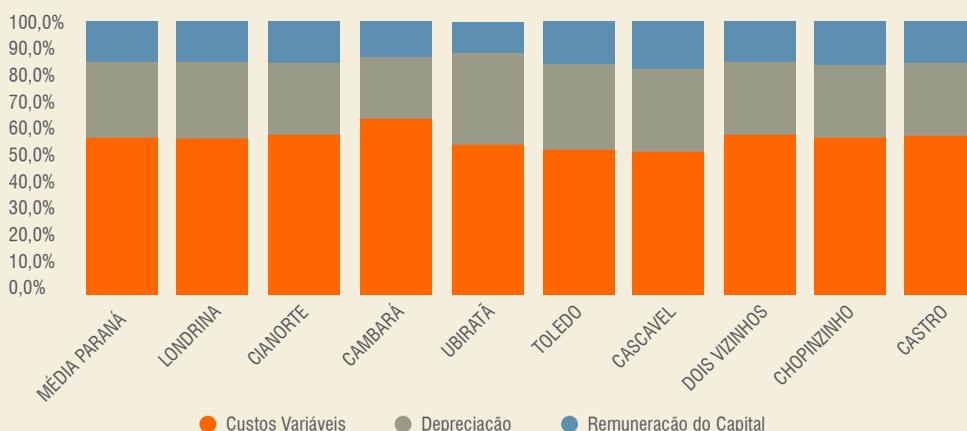
CUSTO TOTAL ●+●+●

É a soma dos custos variáveis, depreciação e a remuneração do capital investido pelo avicultor. Nesse estudo foi considerada a remuneração dos juros da caderneta de poupança (6% a.a.).

Como é em cada região

A partir do entendimento dos conceitos, podemos analisar a composição dos custos e verificar o peso que cada categoria representa dentro do custo total de produção. O gráfico 1 mostra que na média do estado os custos variáveis representaram 58% do custo total, a depreciação 27,8% e a remuneração do capital investido 14,2%.

GRÁFICO 1: Distribuição das Médias Percentuais dos Custos Variáveis, depreciações e remuneração sobre do capital investido nas regiões pesquisadas do Paraná em abril de 2016.





As regiões de Ubitatã, Toledo e Cascavel apresentaram o maior valor de depreciação, todos acima de 30%. Esse item é um indicador de que o nível tecnológico nessas regiões é mais elevado, com preços de equipamentos e instalações maiores que a média estadual.

O estudo mostrou que os avicultores que preconizam os investimentos em tecnologia geralmente são melhores remunerados. O investimento em tecnologia não é o único fator que deter-

mina a remuneração, porém influencia diretamente os resultados zootécnicos e conseqüentemente o valor recebido.

As propriedades que possuem dois ou mais aviários apresentaram resultados mais rentáveis, devido a custos variáveis reduzidos e remuneração sobre o capital investido proporcionalmente maior. O estudo mostrou que na maioria dos casos a diferença nos resultados estava na produção em escala, proporcionando maiores ganhos com a atividade.

O custo operacional médio do Paraná representa 85,8% do custo total, apenas as regiões de Cambará (87,7%) e Ubitatã (89,2%) apresentaram valores acima da média estadual. Isso indica que os gastos com itens que compõem o custo variável são maiores nessas regiões. Cambará apresentou o maior

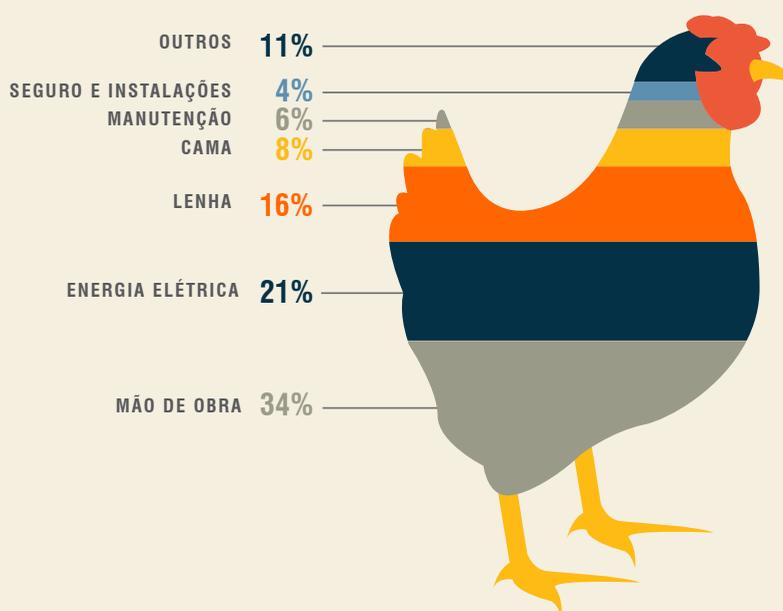
custo do estado com lenha, enquanto Ubitatã apresentou seus maiores gastos com energia elétrica e manutenção dos aviários.

O gráfico 2 mostra a distribuição percentual das médias dos itens que compõem o custo variável. As informações revelam que o item de maior peso é a mão-de-obra, representando 34% do custo variável, seguida da energia elétrica (21%), gasto com lenha (16%) e cama do aviário (8%).

GRÁFICO 02: Distribuição percentual das médias dos principais itens que compõem o custo variável dos aviários pesquisados no Paraná em abril de 2016.

Mão de obra + Energia Elétrica + Lenha + Cama representam

80% DO CUSTO VARIÁVEL





Importante ressaltar que a soma desses quatro itens mencionados representa praticamente 80% do custo variável. Portanto, estratégias para reduzir esses custos podem significar a diferença entre o lucro e o prejuízo em um lote de frangos. Essas estratégias devem levar em consideração fatores que não prejudiquem os resultados dos índices zootécnicos e conseqüentemente a eficiência na produção.

Com relação ao levantamento de custos realizado em abril do ano anterior, os quatro itens de maior peso no custo variável continuam nas mesmas colocações e representando os mesmos 80%. Desde 2014, os sucessivos aumentos na tarifa de energia elétrica vêm ganhando importância no desembolso do avicultor.

Ações individuais ou conjuntas dos avicultores podem viabilizar alternativas para redução dos custos variáveis. As cooperativas e

associações de avicultores são organizações interessantes e que podem proporcionar ações coletivas para compra de um determinado insumo por um valor mais baixo. São alternativas que devem ser consideradas através do associativismo ou cooperativismo de produtores em uma mesma região.

O gráfico 3 mostra a distribuição geral dos resultados positivos e negativos relacionados a cada categoria de custo de produção. Os resultados positivos são aqueles em que as receitas foram superiores aos custos variáveis, custos operacionais e custo total. Há uma barra específica no gráfico que informa o percentual de tipos de aviários que obtiveram resultados positivos e negativos sem considerar a receita proveniente da cama do aviário, que é comercializada por alguns avicultores.

Gráfico 3: Distribuição percentual dos resultados do levantamento de custos dos aviários pesquisados no Paraná em abril de 2016.

 % NEGATIVO  % POSITIVO





Observa-se que a grande maioria dos aviários, 98%, está trabalhando no positivo considerando os custos variáveis, ou seja, apenas os desembolsos de recursos que o produtor deve fazer para produzir um lote de frangos. Em abril de 2015 esse índice era de 96%.

Apenas a região de Castro apresentou resultado negativo no custo variável, ou seja, o valor recebido por ave não cobriu o gasto com os itens que compõe o custo variável.

Quanto ao custo operacional, que representa a soma dos custos variáveis mais a depreciação de equipamentos e instalações, 89% dos aviários estão operando no positivo. As regiões de Ubitatã e Castro apresentaram aviários que obtiveram resultados negativos em relação ao custo operacional. No mesmo período do ano passado, esse índice era de 82%.

No custo total, 69% dos aviários analisados apresentaram resultados positivos enquanto em 2015 esse índice era de 56%. No custo total, sem considerar a receita com a venda da cama,

63% dos aviários ficaram no positivo e no ano anterior esse índice representava apenas 36%.

Vale ressaltar que as regiões de Londrina, Cianorte e Dois Vizinhos apresentaram resultados positivos em todas as categorias de custos e em 100% dos tipos de aviários analisados.

O levantamento dos custos concluiu que em comparação ao mesmo período avaliado em 2015, houve aumento no número de aviários com resultados positivos, ou seja, resultados com preços remuneradores. O detalhamento dos resultados de cada região e tipo de aviário está disponível para consulta no site do Sistema FAEP/SENAR-PR (www.sistemafaep.com.br).

O desafio do produtor continua sendo o de transformar investimentos na avicultura em lucros que remunerem a visão empreendedora, o trabalho e o capital investido. O gerenciamento de custos na propriedade é uma ferramenta fundamental que auxilia o avicultor a vencer esse desafio.

Produtor fica de olho nas despesas

Desde 2005, o produtor Márcio Bernartt, de Toledo, no Oeste paranaense, trabalha com a avicultura. Em Ouro Verde do Oeste, ele engorda 65 mil aves que são entregues a uma empresa integradora na região. O avicultor conta que acompanha todos os

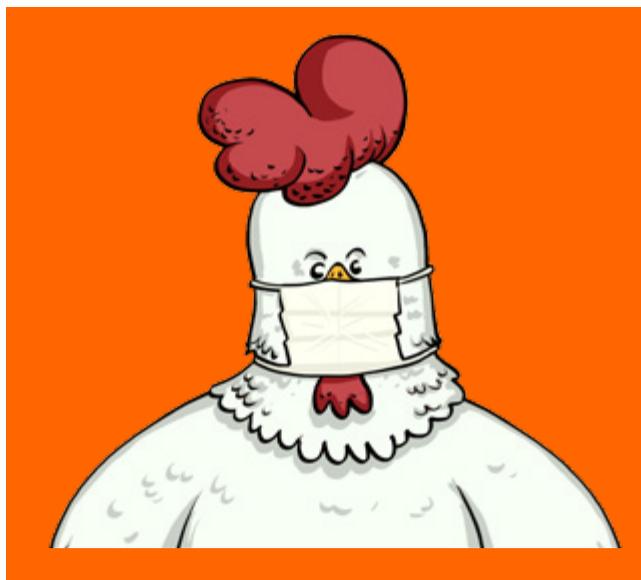
custos de produção sua propriedade. “A gente fica de olho e anota todas as despesas em cada lote”, observa.

Segundo ele, que também é gerente da Associação dos Avicultores do Oeste do Paraná (Aaviopar), a atividade tem sido viável para os produtores da região. “Para que o produtor obtenha bons resultados na avicultura, ele deve acompanhar as despesas, os custos e ter uma ferramenta que organize todo o seu sistema de produção”, avalia Márcio.

Na opinião dele, além de gerenciar os custos de produção, o produtor deve investir em tecnologia. Há um mês Márcio comprou um aquecedor a pellet para os aviários e reduziu o uso da mão de obra na propriedade. “No caso do aquecimento a lenha há necessidade de estar abastecendo as máquinas em frequência de cada duas ou três horas em dias muito frios. No sistema pellet, o funcionário vai fazer vistorias nas granjas em espaços de tempo bem maiores. Isto é, economiza tempo.”

Garantia de biossegurança

Avicultores do Estado precisam registrar os aviários de corte, conforme normativa do Mapa. Medida reduz o risco da gripe aviária, principalmente em tempos de Olimpíadas



A proximidade dos Jogos Olímpicos, que irão ocorrer entre os dias 5 e 21 de agosto, no Rio de Janeiro, trouxe à tona o risco do aparecimento da gripe aviária. Como milhares de pessoas de diversos países irão visitar o Brasil, o índice de ocorrência da doença se eleva, deixando as autoridades em alerta.

Diante da situação, a Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) está realizando uma campanha junto aos avicultores paranaenses para que façam o registro dos aviários de corte, conforme instrução normativa do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). A medida visa aumentar a biossegurança das propriedades e diminuir os riscos de introdução de doenças na avicultura industrial.

“A necessidade do registro ocorre desde 2007. Mas estamos intensificando o trabalho por causa das Olimpíadas. Apesar de o Brasil não ter registro da doença, o número de focos no mundo tem aumentado significativamente. Precisamos ficar alertas”, ressalta o gerente de Saúde Animal da Adapar, Rafael Gonçalves Dias, lembrando que os Estados Unidos, por exemplo, registraram vários focos da gripe aviária em 2015.

O registro do aviário de corte é relativamente simples. Basta o produtor procurar a unidade local da Adapar (mais informações

no site adapar.pr.gov.br). Em seguida, um técnico da Agência irá visitar a propriedade para verificar algumas questões como a instalação de composteiras, telas de proteção adequada, local de enterro de aves mortas, análise da água, entre outros. “Se for necessário, o produtor precisa fazer algumas adaptações para aumentar a biossegurança”, diz Dias.

Caso a propriedade esteja de acordo com a instrução normativa do Mapa, o produtor recebe um certificado de biossegurança. O Paraná possui 23 mil aviários, sendo que 70% estão sem o certificado de registro.

“A Adapar está realizando uma campanha junto aos Sindicatos Rurais, empresas do setor e produtores para elevar esse número. O pessoal precisa ter a consciência que, em caso de registro da doença, a reação nas unidades preparadas é muito mais rápida”, alerta o gerente de Saúde Animal da Adapar.

Atualmente, a penalidade para quem não realiza o registro é a exigência dos exames de salmonela. “A ideia não é penalizar, mas sensibilizar”, complementa Dias.

Diagnóstico

A gripe aviária é uma doença causada por um vírus que atinge humanos e aves e é considerada perigosa em decorrência do fácil contágio e difícil controle. Nas aves, a doença é devastadora, provoca lesões sérias no sistema respiratório, digestivo, nervoso e reprodutivo.

A certificação de biossegurança diminui os riscos de introdução da doença na avicultura industrial. Atualmente, o Brasil é um dos principais produtores de frango do mundo, exporta para mais de 150 países. Os principais mercados consumidores da carne são Arábia Saudita (22%), União Europeia (13%), China (11%), Japão (9%) e Emirados Árabes (9%).

O Paraná é o maior produtor nacional e responde por 35% da exportação brasileira. A cadeia estadual da avicultura abate cerca de 1,8 bilhão de aves por ano e gera 60 mil empregos diretos. São 36 frigoríficos, a maioria na região Oeste, com uma produção de 3,6 milhões de toneladas/ano.

A avicultura representa 16% do Valor Bruto de Produção (VBP) do Paraná, perdendo apenas para soja (22%).

Em busca do casamento perfeito

Cruzamentos entre diferentes raças de bovinos podem melhorar produtividade do gado de corte paranaense, mas o cuidado com a alimentação deve acompanhar esse processo

Por André Amorim



Enquanto busca vencer barreiras sanitárias para tornar nossa carne bovina mais competitiva no mercado internacional, o pecuarista brasileiro – e em especial o paranaense – também procura melhorar a genética do seu rebanho para obter melhores resultados. Esse é um trabalho constante que aos poucos vai se popularizando entre os pecuaristas do Estado.

Nesse processo vem ganhando importância cada vez mais central os chamados “cruzamentos industriais” ou cruzamento interrasiais, que são aqueles promovidos entre animais de raças distintas, cuja união tem como objetivo formar uma prole com as características positivas do pai e da mãe. “O que se busca nesse processo é o vigor híbrido, ou heterose, que é quando os filhos têm melhor desempenho que a média dos pais”, explica Guilherme Souza Dias, zootecnista do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP.

Nessa busca do casamento perfeito é sempre bom lembrar que não existe “melhor raça”, ou seja, aquela raça que seria supe-

rior em qualquer situação. Cada uma tem características próprias que trazem vantagens e fragilidades em relação a outras. O que os pecuaristas devem buscar responder é: “qual cruzamento irá proporcionar o melhor resultado no meu sistema produtivo?”.

“Acima de tudo, é uma decisão empresarial”, afirma o médico-veterinário Mário do Carmo, especialista em reprodução animal. Segundo ele, o cruzamento industrial é, sem dúvida, uma boa estratégia para aumentar a produtividade do rebanho, porém, deve vir acompanhada de cuidados com a alimentação e a sanidade. “É obrigatório que a alimentação acompanhe esse trabalho, senão é melhor deixar como está”, alerta.

Segundo o especialista, quando ocorre o cruzamento entre raças, aumenta a exigência nutricional dos bezerros. Se esta necessidade não é atendida corretamente, os animais não ganharão peso como o esperado e poderão ficar mais suscetíveis a parasitas e doenças. Para os bezerros cruzados, é indicado o uso de creep-feeding, uma

suplementação alimentar própria para esta etapa do desenvolvimento. As vacas em lactação também precisam de atenção nessa área. “Se a parte da alimentação está bem encaminhada, aí pode começar a pensar em cruzamento entre raças”, pondera Carmo.

Quando decide pelo cruzamento industrial, o produtor deverá escolher qual a técnica de reprodução mais adequada à sua situação. Além da inseminação artificial, já bastante difundida entre os pecuaristas do Estado, é cada vez mais comum o uso da Inseminação Artificial em Tempo Fixo (IATF), que consiste num protocolo hormonal que induz um grupo de vacas a entrar no cio simultaneamente, para que sejam inseminadas todas ao mesmo tempo.

Qualquer que seja a técnica utilizada, o produtor deve ter em mente que não basta escolher a raça, é preciso selecionar dentro desta raça o melhor material genético. “Não adianta colocar um Fajardo da vida para cruzar com uma vaca de um tostão, o resultado não vai ser bom”, afirma Carmo. Por isso a importância de conhecer a história da genética do animal que se pretende cruzar. Nesse momento, é preciso planejar quais características se pretende incorporar ao rebanho, como habilidade materna, precocidade, rusticidade, etc.

Mercado de cruzados



Rafael Balestrin também adotou o sistema de cruzamento industrial

Vários produtores ouvidos pela reportagem do Boletim Informativo da FAEP apontam uma demanda de mercado por animais fruto de cruzamentos industriais. “No mercado a procura tá sendo essencialmente por cruzado”, observa a administradora da Agropecuária Ipê, Mônica Baer. A empresa, com sede em Campo Mourão, atua na terminação de animais, deste modo quanto mais rápido o animal ganha peso para ser abatido, melhor. Segundo a administradora, em geral, os animais cruzados tem um bom rendimento, “Em média conseguimos abater com 24 meses com termi-

nação em confinamento”, afirma.

Segundo Baer, o cruzamento que vem sendo mais utilizado é o de vaca Nelore com touro Angus. “Mas não estamos fechados com um cruzamento específico”, observa. Para obter animais no padrão desejado, ou seja, que sejam terminados mais cedo, a estratégia é selecionar os fornecedores. “Quando você vai comprar tem que levantar o histórico desses animais”, observa.

Na outra ponta da cadeia, o médico-veterinário Rafael Balestrin, de Mamborê, atua na cria e recria de animais, que depois são vendidos para serem terminados. Na sua propriedade ele também utiliza o cruzamento de machos Angus com fêmeas Nelore. “Na nossa região esse casamento é muito bom, porque você consegue uma precocidade muito maior”, diz. Segundo ele, hoje a média de desmama dos bezerros está entre sete e oito meses com peso entre 230 e 280 quilos.

Depois o desmame, o rendimento do animal depende muito da alimentação. “Em uma propriedade tecnificada, com pastagens de boa qualidade e suplementação alimentar é possível terminar animais com 18 meses e 18, 19 arrobas de peso”, diz.

O sistema de reprodução usado na sua propriedade também é o IATF. Além das inseminações entre raças, ele também faz inseminações de touros Nelore em vacas da mesma raça para melhorar a genética das matrizes e produzir animais de reposição. Quando compra material genético Angus, as características procuradas por ele são precocidade e bom acabamento, que consiste na capacidade de formar uma camada de gordura que posteriormente protegerá a carne no frigorífico.

Ele conta que atualmente abate machos e fêmeas cruzados, mas em um futuro próximo deseja manter algumas fêmeas cruzadas, que possuem maior habilidade materna, produção de leite e maior ganho de peso, para serem inseminadas com sêmen da raça Braford. “A ideia é manter 60% de genética de taurino e 40% de zebuino”, esclarece.

No Norte Pioneiro, o médico-veterinário e produtor, Cristiano Leite Ribeiro, também adotou o sistema de cruzamento industrial em busca de melhores resultados. Os resultados são evidentes, segundo ele há dez anos a média de peso dos bezerros desmamados era de 200 Kg, hoje essa média é de 263 Kg. O tempo médio de desmama é de sete meses.

Atuando na parte de cria de animais, ele também vem cruzando machos Angus com fêmeas Nelore. No passado ele conta que trabalhou com outras raças como a Simental. “Mas parei porque o mercado não demandava”, lembra. Hoje a situação é diferente. “Hoje o mercado está muito comprador, tem comércio pra tudo, a diferença está no quanto você vai receber”, observa.

Num lote de 100 vacas sua estratégia é fecundar 70% dos animais com sêmen Angus, através da técnica de IATF. Os 30% restantes são fecundadas com genética Nelore, de modo a manter a pureza da raça deste percentual.

Na opinião do produtor, o bom resultado de um rebanho depende de três fatores: melhoria das matrizes, adoção do creep-feeding na alimentação e a utilização dos cruzamentos industriais.

Agora é possível cancelar o CAR



Finalmente é possível cancelar o Cadastro Ambiental Rural (CAR). Um dos questionamentos mais solicitados à FAEP agora tem resposta. Em 17 de junho, o Instituto Ambiental do Paraná (IAP) regulamentou pela Portaria nº 119 procedimentos administrativos para o cancelamento administrativo do CAR visando correções junto ao Sistema SICAR.

Abaixo a engenheira-agrônoma Carla Beck, da FAEP, esclarece as principais dúvidas sobre como fazer o cancelamento.

1) Quais os casos que posso cancelar o CAR?

Serão considerados motivos para análise de solicitação de cancelamento no CAR:

- a) Duplicidade de envio do mesmo arquivo ".car";
- b) Sobreposição com mesmo CPF ou CNPJ;
- c) Unificação de áreas do CPF ou CNPJ;
- d) Cadastramento realizado em desacordo com o conceito de imóvel rural (áreas contínuas declaradas separadamente);
- e) Imóveis urbanos cadastrados no CAR;
- f) Decisão judicial.

2) Qual o procedimento que o proprietário deve seguir para requerer o cancelamento?

- a) Preencher o REQUERIMENTO DE CANCELAMENTO DO CAR – RC_CAR - disponível no site IAP.
- b) Protocolar nos Escritórios Regionais do IAP junto com os documentos.

3) Quais os documentos o proprietário deve apresentar no IAP?

- Requerimento de Cancelamento do CAR - RC_CAR devidamente assinado por todos proprietário(s) / posseiro(s) ou representante legalmente constituído;
- Recibo(s) de Inscrição do Cadastro Ambiental Rural - CAR objeto do pedido de cancelamento;
- Cópia do CPF do(s) proprietário(s) / posseiro(s);
- Cópia do Contrato Social (no caso de empresa);
- Documento(s) de comprovação propriedade/posse do imóvel cadastrado;
- Justificativa da motivação do cancelamento;
- Para o caso de cancelamento motivado por Decisão Judicial, deverá ser anexada a sentença judicial.

4) Qual o encaminhamento desse processo?

Os pedidos de cancelamento do CAR, depois de protocolados, serão encaminhados para a Diretoria de Restauração e Monitoramento Florestal - DIREF/IAP para análise e deliberação.

No caso de deferimento, a DIREF/IAP efetuará o cancelamento do CAR no Sistema SICAR, comunicando o requerente da decisão administrativa, exceto nos casos de Decisão Judicial.

5) Após receber a resposta do órgão ambiental ao cancelamento, especificamente nos casos de unificação de áreas com mesmo CPF ou cadastro em desacordo com o conceito de imóvel rural, o que o proprietário deverá fazer para regularizar sua situação?

O proprietário/ possuidor deverá retificar ou recadastrar o imóvel objeto do cancelamento no SICAR, num prazo máximo de 30 dias após o recebimento da decisão administrativa do IAP. O procedimento administrativo será arquivado somente após a apresentação da comprovação da regularização junto ao IAP.

6) Se o produtor já solicitou o cancelamento antes da publicação dessa Portaria, o que deve fazer?

Os pedidos já protocolados deverão ser readequados e complementados conforme a normativa em vigor. No site do IAP (www.iap.pr.gov.br) é possível acessar o formulário de cancelamento e obter maiores informações.

NOTAS



Leite em alta, produtor no vermelho

Os preços recebidos pelos produtores de leite do Paraná subiram 16% desde janeiro, segundo a Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab). O valor médio em maio foi de R\$ 1,15 por litro e representa uma alta de 29% em comparação ao mesmo período do ano passado. Considerada a média dos preços pagos, o ano de 2016 (janeiro a maio) apresentou média de preços 13% superior à média de todo o ano de 2015. O preço recebido pelo produtor aumentou, mas não acompanhou os custos de produção. “Muitos produtores estão operando no vermelho devido aos altos custos de produção. Um exemplo disso é a alta do milho, que refletiu diretamente no preço da ração sem falar no preço da energia, mão de obra e outros insumos”, observa a engenheira-agrônoma Maria Sílvia Digiovani.

Menos milho

A segunda safra de milho do Paraná, segundo maior produtor do cereal no Brasil, foi estimada na última quinta-feira em 11,4 milhões de toneladas, uma queda de 11,5% ante a previsão de maio, que era de 12,8 milhões de toneladas. Segundo o engenheiro-agrônomo Carlos Hugo Godinho, do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab), as secas, principalmente, prejudicaram o desenvolvimento das lavouras. “Nós tivemos perdas provocadas pela geada, mas as secas foram determinantes para essa queda”, observa. Hoje, a área destinada ao milho concentra 2,2 milhões de hectares em todo o Estado, segundo dados do Deral.

Abiove reduz previsão da safra de soja

A Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) revisou suas previsões da safra brasileira de soja por conta dos problemas climáticos. De acordo com a entidade, o maior exportador global irá produzir 97,3 milhões de toneladas, 600 mil toneladas abaixo da previsão do início do mês. Já as exportações foram estimadas em 53,8 milhões de toneladas, 800 mil toneladas abaixo da projeção anterior, versus um recorde de 54,3 milhões em 2015.

Aplicativos monitoram a pecuária

Programa criado pela Embrapa como auxílio na escolha de suplementos soma-se a outras opções disponíveis no mercado



A tecnologia está cada vez mais presente no dia a dia do produtor rural. Um exemplo disso são os inúmeros aplicativos disponíveis no mercado em todas as atividades agropecuárias. Na pecuária, por exemplo, a Embrapa Gado de Corte desenvolveu em, Campo Grande (MS), um aplicativo gratuito para auxiliar os pecuaristas na hora de escolherem o melhor suplemento para seu rebanho.

O aplicativo Suplementa Certo (SC) foi desenvolvido em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e compara desempenho, preço e margem de ganho entre dois produtos. Pode ser usado de qualquer lugar, já que funciona em dispositivos móveis. O programa foi criado pela equipe de informática, com orientações dos pesquisadores em nutrição animal da Embrapa. O aplicativo SC relaciona suplementos de marcas diferentes, voltados para o uso no período da seca.

O pesquisador da Embrapa Sergio Raposo de Medeiros afirma

que o objetivo principal é ser uma ferramenta útil para o produtor, pois ele pode comparar dois produtos dentro da própria loja, antes de comprar – ou duas estratégias, ou um lote de animais –, e assim investir mais ou menos. A ferramenta também passa alguns conceitos de nutrição que podem fazer diferença na hora de tomar decisões na propriedade.

O aplicativo ajuda na comparação de diferentes tipos de suplementação, com impacto direto na análise de custo-benefício no período seco – ou seja, quando há semiconfinamento e, por isso, a época na qual a suplementação é mais importante. Para fazer a comparação é preciso ter pelo menos um lote de animais e dois produtos. Depois o usuário precisa fornecer os dados de dois produtos diferentes, com nome, consumo, ganho esperado e preço. A partir da comparação entre os suplementos, o aplicativo aponta, por exemplo, qual será o custo total com cada um dos produtos, a mar-

gem, o retorno por real investido e o ponto de equilíbrio, que significa qual o ganho mínimo por animal para pagar o investimento.

Além de fazer a comparação entre produtos, o Suplementa Certo ajuda a definir a quantidade ideal de cochos para alimentar o gado. A partir do número de animais cadastrados, o aplicativo vai dizer quantos cochos serão necessários para que todo o gado tenha acesso ao alimento e fornece também a diferença do número de cochos quando se trata de sal proteinado, ou de ração para semiconfinamento. O SC pode ser instalado em qualquer dispositivo móvel que utiliza o sistema Android, como um smartphone ou tablet. Para baixar a ferramenta, é preciso ir ao ícone da Play Store, selecionar a opção “Apps” e pesquisar pelo nome do aplicativo. É preciso uma conexão com a internet para baixar o aplicativo no smartphone ou tablet. Depois, o SC funciona normalmente mesmo sem internet. Até o momento, segundo a Embrapa Gado de Corte, foram realizados 22.707 downloads do aplicativo.

Outras opções

Assim como o SC, da Embrapa, há outras opções de aplicativos na pecuária de corte. É o caso do Brabov, que permite registrar a compra e venda de animais e gerenciar o manejo do rebanho. É uma alternativa ao uso de cadernetas e planilhas, e armazena dados sobre pesagem, movimentação de lotes, insemi-

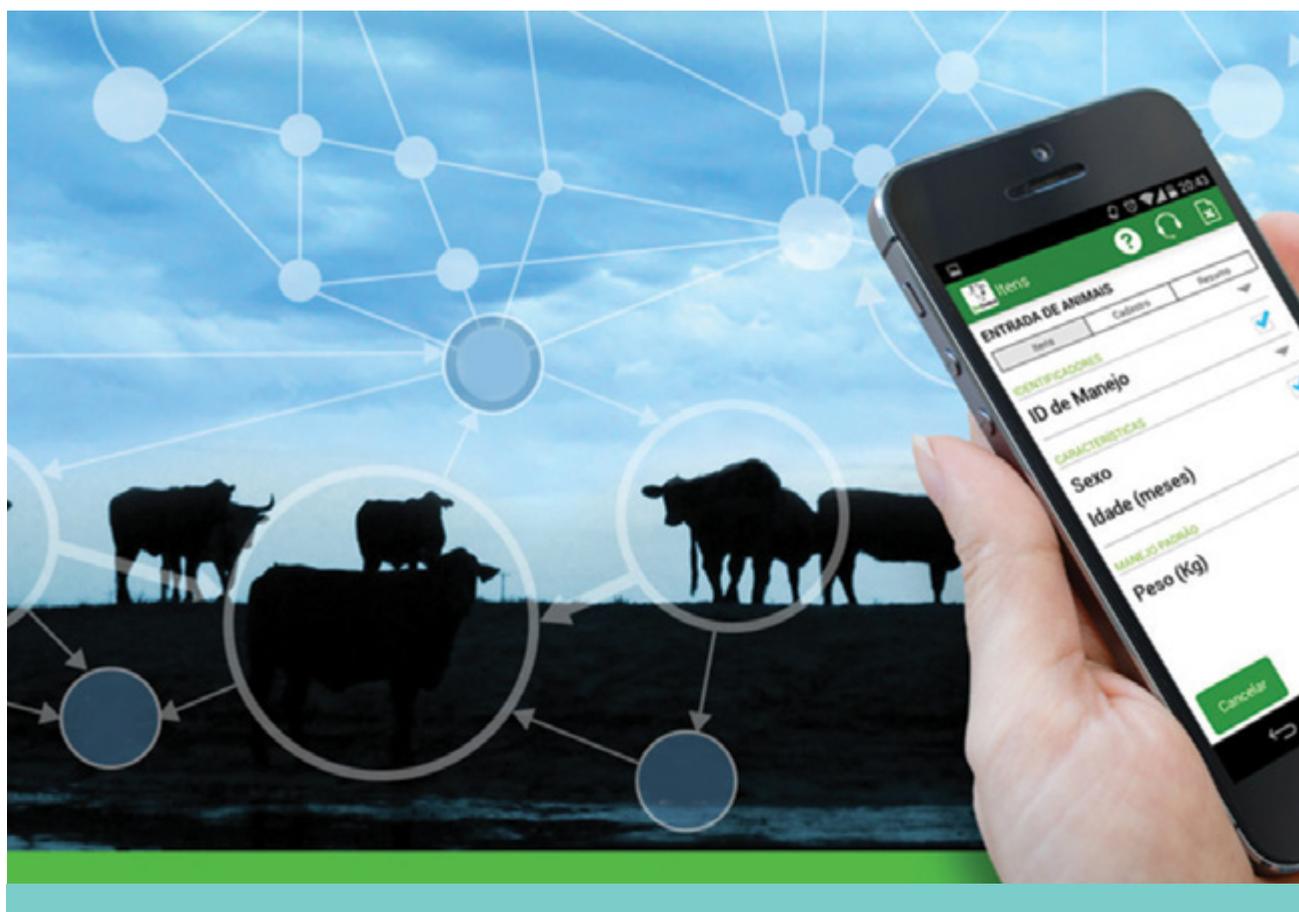
nação, desmama, aplicação de vacinas, castração, entre outros.

Pelo aplicativo, o produtor pode, por exemplo, comparar o desempenho de diferentes lotes e, assim, criar condições para aumentar a produtividade. Com interface simples, possui versão para iOS, Android e Webapp, que funciona pela internet para qualquer dispositivo. No celular, permite o uso offline.

No que se refere aos custos há um plano gratuito com funcionalidades limitadas. A versão premium custa R\$9,90 por mês para produtores com até 100 cabeças; R\$29,90 para 500 e R\$99,90 para 1.500 cabeças. Para fazendas maiores, há a opção de contratar um plano anual que cobra R\$1,50 por cabeça por ano.

Outra opção é o BovControl, ajustado às necessidades de pecuaristas de gado de corte, leite, confinamento e genética. Por meio do aplicativo, o produtor pode organizar os números de compra, venda, nascimento, morte e mudança de rebanho. O serviço também detecta erros na contagem e indica correções. Por exemplo, se faltarem cinco vacas no estoque final, o sistema sugere que elas possam ter sido vendidas. Se seis bois estiverem sobrando, elas podem ter saído da fase de vitelo no período.

O aplicativo pode ser baixado gratuitamente na Play Store, loja de aplicativos da Google, ou pelo site da BovControl. As informações são coletadas pelo celular ou tablet e podem ser consultadas por meio de uma página na internet. Depois de responder a oito perguntas, o pecuarista recebe a declaração pronta em seu e-mail.



Mamborê



Agrinho

No último dia 26 de abril, o Sindicato Rural de Mamborê entregou às autoridades da área de educação da prefeitura o material do Programa Agrinho 2016. A solenidade aconteceu no Centro de Aprendizagem Rural do município. Participaram o presidente do Sindicato, Edgar Sehaber, o prefeito Nei Calori e a secretária de Educação Silmara Pallu Cesa.

São Mateus do Sul



Produção de alimentos

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul realizou nos dias 4 e 5 de maio, na comunidade do Lageadinho, o curso: Produção Artesanal de Alimentos - Compostas e frutas desidratadas. Participaram 12 pessoas com a instrutora Marilsa Simone Retzlaff.

Bandeirantes



Olericultura

O Sindicato Rural de Bandeirantes realizou nos dias 24 e 29 de abril o curso: Trabalhadores agrícolas na olericultura - identificação e controle de doenças. Participaram 13 pessoas com a instrutora Beatriz Santos Meira.

Campina da Lagoa



Mulher atual

No última dia 9 de maio, o Sindicato Rural de Campina da Lagoa finalizou uma turma do curso: Mulher Atual 2016, que teve início no dia 4 de março com a participação de 23 mulheres. A instrutora foi Luciane Lousano Pimentel.

Porecatu



Comunicação

O Sindicato Rural de Porecatu realizou nos dias 9 e 10 de maio, na biblioteca municipal, o curso: Comunicação e Técnicas de Apresentação. Participaram 20 pessoas com a instrutora Tânia Dirlene Ratz Gerstner.

Santo Antônio da Platina



Pecuária Moderna

No último dia 1º de abril, o Sindicato Rural de Santo Antônio da Platina realizou um ciclo de palestras no âmbito do programa Pecuária Moderna, desenvolvido pela FAEP. O evento reuniu 110 pecuaristas da região.

Paraíso do Norte



JAA

O Sindicato Rural de Paraíso do Norte promoveu uma visita técnica dos alunos do programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) à Expoingá. A visita ocorreu no dia 11 de maio e foi acompanhada pela instrutora Marlene Calzavara. Participaram 31 alunos.

Ortigueira



Escavadeira Hidráulica

O Sindicato Rural de Ortigueira realizou, entre os dias 16 e 20 de maio o curso de Escavadeira Hidráulica. Participaram 10 produtores da região com o instrutor Claudio Rodrigues.

Calma islandesa

O Instituto para a Economia e a Paz, uma instituição internacional com sede em Sydney, na Austrália, divulgou na semana passada um levantamento sobre a violência no mundo. Na prática, o Índice Global de Paz aponta quais são os países mais pacíficos e os mais violentos do mundo. Pelos dados, o lugar mais tranquilo do mundo é a Islândia, um país-ilha de 320 mil habitantes (mais ou menos a mesma população que o município de Ponta Grossa) no Norte da Europa. O Brasil ficou em 105º lugar, em uma lista de 163 nações. O país tem registrado um homicídio por ano nos últimos três anos. Veja quais são os lugares mais calmos do mundo.

- 1º Islândia
- 2º Dinamarca
- 3º Áustria
- 4º Nova Zelândia
- 5º Portugal



Doping

O uso de substâncias para melhorar a performance atlética – que hoje chamamos de doping – não é novidade. Nos jogos da Antiguidade, os gladiadores usavam bebidas e drogas para não sentir dor ou cansaço. Com o avanço da pesquisa, essas drogas se tornaram mais potentes e, por isso mesmo, mais perigosas. Nos Jogos Olímpicos de 1960, em Roma, o escândalo veio à tona com o caso do ciclista dinamarquês Knud Enemark Jensen morreu depois de usar remédios para o coração para ter mais força. Os testes antidoping se tornaram obrigatórios a partir dos jogos de 1968, no México.

FRONTEIRA

Limites

A menor fronteira entre dois países é entre Zâmbia e Botsuana: 150 metros, na confluência dos rios Chobe e Zambeze. Já a maior fronteira é entre o Canadá e os Estados Unidos. São 6.416 quilômetros ao Sul do Canadá e mais 2.477 a Oeste, entre o país e o estado americano do Alasca.

Sobre dinheiro...

- O iPhone já é caro com um símbolo de uma maçã, imagine se fosse um feijão.
- Dizem que tudo que vai volta. Acho que meu dinheiro se perdeu pelo caminho.
- A cada dia que passa, sobra mais mês no fim do salário.
- O dinheiro pode não comprar tudo, mas manda buscar a maioria das coisas.



É uma cidade mesmo

A escola com maior número de alunos no mundo se chama Cidade de Montessori e fica em Lucknow, na Índia. São 52 mil estudantes matriculados no ano escolar de 2016, do ensino fundamental ao médio. No ano passado, apareceu entre as dez melhores escolas do país em pelo menos quatro exames.





Olhar curioso

A Andressa, de Carlópolis, enviou uma foto da Lucy, sua cachorrinha, com um olhar curioso. Que esperta essa Lucy, hein, Andressa?

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail: imprensa@faep.com.br

Leve como o ar...

Cientistas estimam que o peso total da atmosfera da Terra seja de 5,5 quatrilhões de toneladas. Devido à gravidade do planeta, ele é mais pesado (e por isso mais fácil de respirar) no nível do mar.



Pera-jacaré...

... ou, em inglês, *alligator pear*. É assim que o abacate é chamado em alguns países de língua inglesa, pelo formato e pela aparência da casca. O Brasil é um dos poucos lugares do mundo onde a fruta é consumida, predominantemente, em doces. Na América Latina, ela é ingrediente de pratos salgados e aparece até no cachorro quente.



Sem impostos

Em fins do século XVII, a coroa da Inglaterra decidiu criar um imposto sobre as janelas das casas. A ideia real era taxar das famílias mais abonadas, partindo do princípio de que as casas maiores e mais ricas teriam mais janelas. A ideia se popularizou, e várias grandes cidades europeias tinham taxas do gênero. Em Paris, vigorou até 1926.

Como resultado, as famílias passaram a tapar com tijolos janelas de suas casas, e residências novas tinham menos aberturas. Tudo para fugir do imposto...



BEM VINDO, MAU HUMOR...

Nos anos 1990 não havia redes sociais, como WhatsApp, Facebook e Twitter. Nem essa mania que cresceu com elas, de toda manhã desejar “bom dia” a conhecidos e desconhecidos, usando uma imagem bonitinha e uma frase “pra cima” – seja citação, versículo ou algo inventado pelo próprio sujeito (esta última alternativa, bem rara).

Pois foi nos anos 1990 que o jornalista Ruy Castro (mais tarde conhecido por escrever biografias como a de Garrincha, Nelson Rodrigues e Carmen Miranda) apareceu com uma série de livros de citações. E não eram frases de alto astral, como se pode ver pelos nomes das obras: Mau-Humor: Uma antologia definitiva de citações venenosas, O melhor do mau humor, O poder de mau humor e O amor de mau humor.

Então, se a vida não é para você uma sucessão de paisagens de belas montanhas e encorajadores adágios de autoajuda, aproveite e deleite-se com o mau humor acumulado por Castro.



“Minha receita para enriquecer? Acorde cedo, trabalhe muito, ache petróleo.” (J.Paul Getty)

“Avião: é mais pesado do que o ar, tem motor a explosão e foi inventado por um brasileiro. Não pode funcionar.” (Vinicius de Moraes)

“Amigo é aquele que sabe tudo a seu respeito e, mesmo assim, ainda gosta de você.” (Kim Hubbard)

“Guarda-chuva de banco só abre quando faz sol.” (Antônio Ermírio de Moraes)

“As mulheres casadas vivem mais que os homens – ou, pelo menos, as viúvas.” (H.L. Mencken)

“Se você tivesse que identificar, em uma palavra, a razão pela qual a raça humana ainda não atingiu (e nunca atingirá) todo o seu potencial, essa palavra seria ‘reuniões’” (Luis Fernando Verissimo)

“O homem mais corajoso foi aquele que primeiro engoliu uma ostra.” (Jonathan Swift)

“Minha primeira mulher era muito infantil quando nos casamos. Um dia, eu estava tomando banho na banheira e ela afundou todos os meus barquinhos sem o menor motivo.” (Woody Allen)

“Dizem que escrever é um processo torturante para Sarney. Sem dúvida, mas quem grita de dor é a língua portuguesa.” (Paulo Francis)

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em / / _____ Responsável
Em / / _____

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br